

C A R T A

(Contendo um texto em português de Simone Weil)
Paris, dezembro de 1988

Querida Vera,

Tudo em paz?

Junto com esta cartinha, mandei hoje também, na última hora prá variar, um texto que havia prometido ao João Wanderley em outubro passado. Imagine! Estes atrasos um dia não de me custar caro, mas acho que sou mesmo um caso incorrigível...

Na verdade, desde dezembro jazem na memória do meu computador (memória, aliás, bem mais confiável do que a minha) os primeiros esboços de uma tradução que há muito desejava fazer. A tentação sobreveio quase de imediato a um daqueles acasos felizes em que realizamos a descoberta de um pensamento próximo da nossa sensibilidade. Certas leituras, num instante mágico, parecem soldar em nosso espírito pedaços de algumas crenças e muitas paixões, não é?

Eis que um dia deu-se, então, meu encontro com uma figura estranha que talvez por isso mesmo me interessou... Já havia devorado um de seus livros nos tempos de faculdade e achei que enfeixasse o básico daquela personalidade. Ano passado, abri o Libération que apresentava um perfil da pessoa e um apanhado da obra, aspectos para mim até então insuspeitados; comentei com um amigo e calhou de ele ter rofando na biblioteca um livro de 1949 que, obviamente, pedi emprestado.

Dáí, bem..., não quero torturar sua curiosidade por mais tempo. Graças a minha máquina maravilhosa, reproduzo a seguir e sem mais delongas trecho do texto que ficou rolando na minha indecisão antes de chegar às mãos de nosso amigo. Agora temo que lhe dê na telha (dele) publicar meus caprichos entre os artigos interessantíssimos de alguma publicação do IEL, onde, aliás, "enfant terrible" não brinca. Viola:

"Filósofa, anarquista, operária, sindicalista, poeta, professora, mística, judia: Simone Weil (1909-1943) em sua curta existência compôs com esses traços uma trajetória e uma personalidade das mais originais.

Se a filósofa inquieta que se lançou à tentativa obstinada de compreender o mundo operário foi apresentada entre nós¹ o mesmo não ocorre com outra de

suas facetas, quiçá controvertida mas não menos fascinante: a de uma inteligência sedenta de Absoluto que se aproximou intimamente de Deus. Em 1940, ainda perplexa com a ocupação de Paris pelos nazistas e do futuro que se anunciava para os judeus, Simone Weil descobre a fé cristã, experiência que ousa transpôr em seus últimos escritos.

Seu misticismo nada teve de "revelação", no que possa haver aí de acontecimento sobrenatural. Um pensamento metódico e racionalista chegou àquilo que pareceria, à primeira vista, encontrar-se nas antípodas do uso da Razão. S. Weil consultara textos os mais diversos que acabariam lhe mostrando uma base comum verificável em diferentes tradições. Numa carta de dezembro de 1941, Simone noticia ao irmão, André Weil: "Já leu São João da Cruz? Esta é no momento minha principal ocupação. Deram-me também um texto sânscrito da [Bhagavad-] Gītā, transcrito em letras latinas. São dois pensamentos muito parecidos. A mística de todos os países é idêntica. Creio que Platão deve ser alinhado aí, e que considerava a matemática como matéria de contemplação mística(...)"².

À sua conduta naturalmente despojada associava-se uma também natural *gaucherie* que nem mesmo sua mente prodigiosa ou sua doçura conseguiam salvar do ridículo. De qualquer forma, o saber só a interessava na medida em que fosse imediatamente colocado a serviço de outrem, ou melhor, partilhado com outrem. Sua atitude traía de tal modo a "professora" que por vezes se tornava inoportuna, segundo um comentário de Paul Valéry sobre um de seus poemas³: "(...) o poema [Prometeu] é um tanto didático demais, (...) acumula quantidade de noções (...). É demasiado instrutivo."

Muito antes de se dedicar às reflexões sobre o sentido e os usos possíveis da fé, a filósofa já vivia um ascetismo intelectual, posto em prática especialmente junto àqueles a quem ensinava: esta era sua vocação essencial. Por isso jamais descuidava de aspectos pedagógicos e didáticos, das relações mestre-aluno, das finalidades da aprendizagem enquanto processo. Neste, como em todos temas que investigou, encontrava-se um dos termos fundamentais de suas idéias, ou seja, o conceito de analogia como princípio da relação entre o humano e o divino, relação possível de se atingir em se desenvolvendo o poder de atenção - "a atenção extrema é o que constitui no homem a faculdade criadora (...), esforço sem cobiça dos frutos (...), útil porque se acompanha de uma atenção continuamente concentrada na distância entre o que somos e o que amamos (...)"⁴. A professora, a mística e a filósofa concedem um lugar central a esta faculdade, da qual derivam também as de concentração e memória, capacidades que nem sempre os professores hoje nos lembramos de privilegiar.

Em 1949, o padre J.-M. Perrin traz ao conhecimento do público parte dos textos que Simone Weil lhe escrevera entre janeiro e junho de 1942, reunidos sob o título Attente de Dieu⁵, "attente" (espera, tempo de espera, estado de consciência de quem espera) de comum raiz com a noção tão cara de "attention". Alguns críticos procuraram fazer um paralelo (exorbitante) entre a metafísica desses escritos e a "metafísica" becketiana de Esperando Godot que pouco têm em comum afora a similitude dos títulos; se cremos suas premissas, a "espera" de Simone não é jamais uma atitude nihilista ou desesperança resignada; deve-se vencer a qualquer custo a insegurança a

fim de se estar apto a receber aquilo que não necessariamente se vê.

Da militante anarquista, como se disse, já se conhece a agudeza crítica e a coragem: Simone revezou-se como operária nas fábricas, como combatente nas frentes da Guerra Civil espanhola, na propaganda da Resistência; caiu na prisão, clandestinidade e exílio condicionados por suas atividades em pleno estado de guerra. Deste currículo amargo, conseguiu, no entanto, extrair a doçura de seus conselhos espirituais, em que pese sua estranheza. Nada melhor, então, para ilustrar o pensamento de Simone Weil do que o testemunho de seus escritos. Seleccionamos um dos textos incluídos na *Attente de Dieu*, em que a autora, exímia didata, parece falar tanto a quem instrui como a quem aprende.

REFLEXÕES SOBRE O USO CORRETO DOS ESTUDOS ESCOLARES PARA ALCANÇAR O AMOR DE DEUS

(...)

Embora hoje em dia pareça ignorada, a formação da faculdade de atenção é o objetivo verdadeiro e o interesse quase que único dos estudos. A maior parte dos exercícios têm também um certo interesse intrínseco, mas este interesse é secundário. Os exercícios que fazem uso do poder de atenção são tão interessantes uns quanto os outros e quase equivalentes.

Os estudantes que amam a Deus jamais deveriam dizer: "Eu gosto de matemática", "Eu gosto de francês", "Eu gosto de grego". Deveriam, sim, apreciar todas essas matérias, pois todas aprofundam a atenção que, quando orientada para Deus, é a própria substância da oração.

Não ter dom ou gosto natural pela geometria não impede que a busca de solução para um problema ou o estudo de uma demonstração que desenvolvam a atenção. Ao contrário, podem ser uma circunstância favorável.

Na verdade pouco importa conseguir achar a solução ou compreender a demonstração, embora seja realmente necessário fazer um esforço para consegui-lo. Nunca, em nenhum caso, nenhum esforço de atenção estará perdido. É sempre eficaz espiritualmente, por reflexo e por acréscimo, também no plano inferior da inteligência, pois toda luz espiritual ilumina também a inteligência.

Se com uma atenção verdadeira buscarmos a solução de um problema de geometria, e se, ao cabo de uma hora não tivermos avançado mais do que quando começamos, a cada minuto dessa hora fomos, contudo, avançando numa dimensão mais misteriosa. Sem o sentirmos, sem o sabermos, esse esforço aparentemente estéril e sem frutos acendeu-nos mais luzes na alma. Os frutos se colherão um dia, mais tarde, na oração. E, sem dúvida, também num outro domínio qualquer da inteligência, talvez inteiramente alheio à matemática. Um dia, talvez, aquele que deu o máximo num esforço infrutífero

será capaz de compreender mais diretamente, por causa desse esforço, a beleza de um verso de Racine. Porém, os frutos do esforço devem ser colhidos sem sombra de dúvida na oração.

As certezas desta espécie são experimentais. No entanto, se não acreditarmos nelas antes de testá-las, se ao menos não nos portarmos como se acreditássemos, jamais faremos a experiência que leva a essas certezas. Existe aí uma espécie de contradição. A partir de um certo nível, é o que acontece aos conhecimentos úteis para o progresso espiritual. Se não adotarmos essas certezas como regra de conduta antes de tê-las verificado, se não nos apegarmos a elas longamente só pela fé, uma fé inicialmente tenebrosa e sem luz, nunca as transformaremos em certezas. A fé é uma condição indispensável.

O melhor sustentáculo da fé é a garantia de que quando pedimos pão ao Pai, ele não nos dá pedras. Fora de qualquer crença religiosa explícita, sempre que um ser humano emprega um esforço de atenção com o único intuito de se tornar mais apto para devassar a verdade, adquire aquela aptidão maior, mesmo se seu esforço não produziu nenhum fruto. Um conto esquimó assim a origem da luz: "o corvo que, na noite eterna, não poderia encontrar alimento, desejou a luz e a terra se iluminou." Se realmente houver o desejo, se o objeto do desejo for realmente a luz, o desejo de luz produz a luz. O desejo existe realmente quando há esforço de atenção. Se qualquer outra razão estiver ausente, é porque verdadeiramente se deseja a luz. Ainda que os esforços de atenção permaneçam aparentemente estéreis durante anos, um dia uma luz exatamente proporcional a esses esforços inundará a alma. Cada esforço acrescenta mais ouro a um tesouro que nada no mundo pode arrebatá-lo. Os esforços inúteis realizados pelo Curé d'Arles durante longos e dolorosos anos para aprender latim frutificaram no discernimento maravilhoso com o qual percebia a alma dos penitentes por trás de suas palavras ou mesmo de seu silêncio.

Deveremos portanto estudar sem nenhum desejo de obter boas notas, de passar nos exames, de obter um resultado escolar qualquer, sem atender a seus gostos ou aptidões naturais, aplicando-nos da mesma maneira a todos os exercícios, tendo em mente que todos eles servem para formar a atenção (...). No momento em que nos dedicamos a um dado exercício, é preciso querer fazê-lo corretamente; pois esta vontade é indispensável para que haja verdadeiro esforço. Mas através desse objetivo imediato, a intenção profunda deve ser unicamente de intensificar o poder de atenção que tem por finalidade a oração, tal como, quando escrevermos, desenhamos a forma das letras no papel, não pela forma em si, mas para expressar uma idéia.

Colocar esta única e exclusiva intenção nos estudos é a primeira condição para seu bom uso espiritual. A segunda condição é a de sujeitar-se rigorosamente a enfrentar, a contemplar com atenção e demora, cada exercício escolar insolúvel, em toda a vileza de sua mediocridade, sem procurar desculpas, sem desprezar nenhum erro ou correção do professor, e tentando buscar a origem de cada erro. É grande a tentação de fazer o contrário, de lançar ao exercício corrigido um olhar de esguelha, e escondê-lo rapidamente. Quase todos fazem isso. É preciso opor-se a esta tentação

(...).

É principalmente a virtude da humildade, tesouro infinitamente mais precioso do que todo progresso escolar, que assim acabamos ganhando. Por conta disso, contemplar seus erros é quiza mais útil do que contemplar seus próprios pecados. A consciência do pecado nos dá o sentimento de sermos maus, e às vezes propicia um certo orgulho. Quando nos obrigamos por violência a fitar com os olhos e com a própria alma um exercício escolar errado, sentimo-nos medíocres com uma evidência irresistível. Não há conhecimento mais desejável do que este. Se conseguirmos conhecer esta verdade com toda a alma, assentaremos solidamente no verdadeiro caminho.

(...) Para prestar a devida atenção, é necessário saber como proceder.

Em geral confundimos uma espécie de esforço muscular com atenção. Se dissermos: "Agora prestem atenção", vemos os alunos franzindo as sobrancelhas, segurando a respiração, contraindo os músculos. Se dois minutos depois perguntamos no que eles estão prestando atenção não saberão dizer. Não prestaram atenção em nada. Apenas contraíram os músculos.

Amiúde despende-se esse tipo de esforço nos estudos. Como provoca cansaço, dá-nos a impressão de termos trabalhado. Ilusão. O cansaço não tem nenhuma relação com o trabalho. O trabalho é o esforço útil, cansativo ou não. Essa espécie de esforço muscular no estudo é completamente estéril, mesmo se empregado com a melhor das intenções. De muitas, aliás, o inferno está forrado. Estudar desta forma pode às vezes ser bom escolarmente, do ponto de vista das notas e dos exames, mas é em detrimento do esforço e graças aos dons naturais; esse estudo é sempre inútil.

A vontade que, se necessário, faz cerrar os dentes e suportar o desconforto é a arma principal do aprendiz no trabalho manual. Mas ao contrário do que comumente se acredita, nem sempre esta vontade encontra seu lugar nos estudos. A inteligência só pode ser movida pelo desejo. Para que haja desejo, é preciso haver prazer e alegria. A alegria de aprender é tão indispensável aos estudos quanto a respiração para os atletas. Onde estiver ausente, não haverá estudantes, mas pobres caricaturas de aprendizes que no final de seu aprendizado sequer terão um ofício.

É esse papel do desejo nos estudos que permite fazer a preparação para a vida espiritual. Pois o desejo, dirigido a Deus, é a única força capaz de elevar a alma. Ou melhor, é Deus sozinho quem vem apanhar nossa alma para elevá-la; foi, porém foi apenas o desejo que obrigou Deus a descer. Ele só vem para aqueles que lhe pedem para vir; e aos que pedem amiúde, insistente e ardorosamente, Deus não pode recusar-se a descer até eles.

A atenção é um esforço, o maior dos esforços, mas é um esforço negativo. Por si só não comporta cansaço. Quando este sobrevém, a atenção não é mais possível, a menos que se tenha muita prática; o melhor, então, é abandonar, procurar descontraírem-se, e recomeçar mais tarde, desligando-se e ligando-se como se expira e inspira.

Vinte minutos de atenção intensa e sem cansaço valem infinitamente mais do que três horas dessa aplicação de sobrancelhas franzidas que nos leva a di-

zer com o sentimento do dever curprido: "Estudei bastante."

Apesar das aparências, é, no entanto, bem mais difícil. Existe algo em nossa alma que repugna a verdadeira atenção muito mais violentamente do que a carne repugna o cansaço. Esse algo está muito mais próximo do mal do que a carne. Por isso, todas as vezes que prestamos realmente atenção, destruímos em nós o mal. Se prestarmos atenção com esta intenção, quinze minutos valerão inúmeras boas realizações.

A atenção consiste em suspender o pensamento, em deixá-lo disponível, vazio e penetrável para o objeto, a manter em si mesmo próximo do pensamento, mas num nível inferior e sem contato com ele, os diversos conhecimentos adquiridos que temos de utilizar. O pensamento deve ser, em relação a todos os pensamentos particulares e já formados, como um homem no alto de uma montanha que, mirando à frente, entrevê a seus pés mas sem olhá-las diretamente, quantidade de florestas e planícies. Sobre tudo, o pensamento deve estar vazio, em estado de espera, sem buscar nada, mas pronto a receber em sua verdade nua o objeto que o vai penetrar.

Todos os contra-sensos nas traduções, todos os absurdos na solução dos problemas de geometria, todas as inépcias de estilo e todos os defeitos da concatenação das idéias nas lições de francês, tudo provém de um pensamento que se jogou apressadamente sobre alguma coisa e, estando assim prematuramente cheio, não mais ficou disponível para a verdade. A causa disso é o fato de sempre querermos ser ativos, sempre querermos buscar. É o que se pode verificar sempre cada vez que voltamos à raiz de cada erro. Não há melhor exercício do que tal verificação, pois essa verdade faz parte daquelas em que passamos a acreditar depois de testá-las mil e uma vezes. Assim acontece com todas as verdades essenciais.

Não se deve buscar os bens mais preciosos, senão aguardá-los. Pois o homem não os pode encontrar com suas próprias forças, e quando se põe a procurá-los, encontrará falsos bens cuja falsidade não saberá discernir.

A solução de um problema de geometria não é em si um bem precioso, mas a mesma lei se aplica também a ela, pois é a imagem desse mesmo bem. Sendo um pequeno fragmento de verdade particular, é uma imagem pura da Verdade única, eterna e viva, esta Verdade que um dia se anuncia com uma voz humana: "Eu sou a verdade". (...)

Existe para cada exercício escolar uma maneira específica de esperar a verdade com desejo e sem se permitir buscá-la. Uma maneira de prestar atenção aos dados de um problema de geometria sem procurar-lhe a solução; às palavras de um texto em latim ou grego sem procurar-lhe o sentido, de esperar enfim que, ao escrever, a palavra certa venha por si mesma colocar-se sob a pena banindo apenas as palavras insuficientes.

O primeiro dever para com estudantes é o de levar a seu conhecimento esse método, não só em geral, mas na forma particular referente a cada exercício. É o dever não só de seus professores, mas também de seus guias espirituais. E estes devem ainda encher de luz, de uma luz resplandecente, a analogia entre a atitude da inteligência em cada exercício e a situação da alma que, com uma lamparina bem provida de óleo, aguarda seu esposo com confiança e desejo. Que cada adolescente amador, ao fa-

zer uma tradução latina, deseje chegar através deste exercício mais perto do instante em que se tornará como o escravo que, enquanto seu senhor está numa festa, posta-se vigilante para abrir a porta assim que baterem. O senhor, então, instala o escravo à mesa e lhe dá ele mesmo de comer.

Somente esta espera, esta atenção podem levar o senhor a estes excessos de afeição. Depois de o escravo se extenuar nos campos, ao voltar o senhor lhe diz: "Prepara minha comida e serve-me". E o trata de escravo inútil por fazer apenas o que lhe ordenam. Decerto, no âmbito da ação é preciso fazer tudo o que nos é ordenado, às custas de qualquer esforço, cansaço ou aflição, pois quem desobedece não ama. Mas depois disso, somos um mero escravo inútil. É uma condição do amor, mas não basta. O que força o amo a se tornar o escravo de seu escravo, a amá-lo, não é nada daquilo; e menos ainda uma busca que o escravo empreender por sua própria iniciativa; é simplesmente a vigilância, a espera e a atenção.

Felizes o que passam a adolescência e a juventude formando seu poder de atenção. Sem dúvida não estão mais próximos do bem do que seus irmãos que trabalham no campo ou nas fábricas. Estão próximos, sim, mas de outra maneira. Os camponeses, os operários desfrutam desta proximidade com Deus, de sabor incomparável, jacente no âmago da pobreza, da falta de consideração social, das aflições longas e lentas. Mas se considerarmos as ocupações em si mesmas, os estudos estão próximos de Deus por causa da atenção que é a alma desta proximidade. Quem atravessou anos de estudo sem desenvolver em si a atenção perdeu um enorme tesouro.

Não é só o amor de Deus que tem por substância a atenção. O amor ao próximo que, como sabemos, é o mesmo amor, é feito da mesma substância. Os infelizes deste mundo só precisam de homens capazes de dar-lhes atenção, capacidade rara e difícil; é quase um milagre; é um milagre. Quase todos os que acreditam ter esta capacidade não a têm. O calor humano, o sentimento, a piedade não bastam.

Na primeira lenda do Graal, diz-se que o Graal, pedra milagrosa que pela virtude da hóstia consagrada sacia toda sede, pertencerá àquele que primeiro indagar ao guardião da pedra, rei quase todo paralisado pela mais dolorosa ferida: "Qual é teu tormento?"

A plenitude do amor ao próximo é simplesmente ser capaz de perguntar-lhe: "qual é teu tormento?". É saber que o infeliz existe, não como uma unidade numa coleção ou como um exemplar da categoria social com a etiqueta "infeliz", mas enquanto homem exatamente igual a nós, e que um dia foi atingido e marcado pelo sinal inimitável da infelicidade. Para isso, é suficiente, mas indispensável, saber dirigir-lhe um certo olhar.

Este, de início, é um olhar atento, em que a alma se esvazia de todo conteúdo próprio para receber em si mesma o ser olhado tal como é, em sua inteira verdade. Só é capaz de fazê-lo quem tiver a capacidade de atenção.

Assim, é verdade, embora paradoxal, que uma tradução de latim, um problema de geometria, mesmo errados, mas aos quais tenhamos dedicado esforço adequado, podem mais tarde nos tornar capazes, se houver oportunidade, de prestar a um infeliz

o auxílio que no momento de sua suprema aflição poderá salvá-lo.

Para uma adolescente capaz de compreender esta verdade e generoso o bastante para desejar este fruto em detrimento de outros, os estudos alcançariam a plenitude de sua eficácia espiritual mesmo fora de qualquer crença religiosa.

Os estudos escolares são um desses campos que escondem uma pérola pela qual vale a pena vender todos os bens sem guardar nada para si, a fim de poder comprá-la.”

Então, amiga, você não acha que sob estas palavras ao mesmo tempo beatas, quase ingênuas de tão simples, escondem-se metáforas virtuais do sentido que possa haver em ensinar línguas hoje no Brasil? Ou simplesmente ensinar, pouco importa onde e quando?

Este texto, Vera, intrigou-me tanto da primeira vez que o li que só depois de entregar-me a outras releituras para poder enfim reconhecer a pensadora que me seduzira em A condição operária ou em L'enracinement⁶. De repente compreendi que todas as Simone viviam numa só e com marcas ou sem, nenhuma delas se excluía. E perscrutando um pouco sua biografia (sobre a qual na introdução de “Reflexões” não pude me estender), vê-se o que isto lhe custou de injúria e incompreensão por parte de pessoas de bem; o reconhecimento aconteceria sobretudo postumamente. Em uma dada circunstância, suspeita de colaborar com De Gaulle, foi ameaçada de prisão junto a prostitutas, suprema punição para aquela “agrégée de philosophie” impertinente. Respondeu então: “Sempre desejei conhecer o meio das prostitutas e para entrar nele só havia para mim exatamente este meio: a prisão”. Ao ouvir estas palavras, o juiz mandou soltá-la tachando-a de louca.

Louca também pareceria a muitos dos pais de suas alunas, receosos de que a jovem professora anarquista contaminasse suas filhas com suas idéias esdrúxulas. Seu irredutível compromisso com a missão de ensinar e com a [sua] verdade, irritava diretores de escolas e colegas. Como já se entrevê em “Reflexões...” pelo pouco valor que atribui a notas, entre outros, Simone compreendera uma vez mais que a razão está do lado dos homens e não das instituições.

No ano de 1942, a família Weil consegue a custo fazer com que a filósofa os acompanhasse aos Estados Unidos, para cuidarem de sua saúde, bastante comprometida, e afastá-la da compulsão de trabalhar para a Resistência em Londres. Lá chegando, visita o Harlem regularmente, é a única mulher branca a participar dos cultos dominicais das Igrejas Batistas. Comentou um amigo que, se tivesse ficado em Nova Iorque, Simone teria se tornado uma negra⁷. No final daquele ano, vai a Londres reunir-se aos exilados da Resistência. Contraiu uma tuberculose e, recusando alimentar-se em solidariedade às vítimas da fome, falece a 24 de agosto de 1943. Seus compromissos foram sempre assim, assumidos de maneira quase doentia, e sobre o rigor erigiu-se a sabedoria de quem viveu na pele e num corpo absolutamente frágil o peso de

alguns estigmas.

Espero não tê-la aborrecido com esta história, um tanto incomum para missivas, mas não sem sentido em relação ao que tínhamos para nos dizer. Enquanto falávamos de Simone Weil, aos meus ouvidos chegava um acorde Maior das lembranças de risos e sons, conversas antigas sobre vários temas ainda vibrando no ar. Como as nossas, tantas vezes...

Vou parando por aqui. Além do mais, hoje você conhece todos os porquês, como o de no meu céu brilhar uma estrela de Davi e no meu peito, uma constelação chamada "Saudades-de-você"...

Ano passado, cruzei com o M. num ponto de ônibus do Bld. Saint-Germain. Lembra-se dele? Meu aluno em 84 e depois seu em 85. Pediu-me notícias, falei da tua longa viagem. Disse-me então com a voz erborgada de emoção: "A Vera não me ensinou só francês. A Vera também me deu lições de vida..."

E eu, Vera, silencieei o que você talvez não soubesse: aprendi (e desfrutei) com você a mais terna AMIZADE, "cet amour pur, personnel et humain (...) qui renferme un pressentiment et un reflet de l'amour divin."

Até breve. Beijos,

Ligia

NOTAS

1. BOSI, Ecléia - A condição operária e outros estudos sobre a opressão. São Paulo, Paz e Terra, 1979. Cf. da mesma autora Simone Weil, São Paulo, Brasiliense, 1983 (Col. Encanto Radical).
2. in PETREMENT, Simone - La vie de Simone Weil. Paris, Fayard, 1973, 2 vol.
3. Em carta do dia 20/09/1937, in WEIL, S. - Poèmes, suivis de Venise sauvée, Paris, Gallimard, 1968.
4. WEIL, S. - La pesanteur et la grâce. Paris, Plon, (1947) reed. 1988.
5. WEIL, S. - Attende de Dieu. Paris, Fayard, (1949) reed. 1966.
6. WEIL, S. - L'enracinement. Paris, Gallimard, 1949.
7. in Attente de Dieu, p. 10.